

Como Gerenciar uma Revista de Imagem Cardiovascular? Reflexões e Ideias

How to Manage a Cardiovascular Imaging Journal? Reflections and Ideas

Gerald Maurer^{1,2} 

Medical University of Vienna, ¹ Wien – Áustria

European Heart Journal Cardiovascular Imaging, ² Oxford - Reino Unido

A área de Imagem Cardiovascular (em inglês, *Cardiovascular Imaging*) está em rápida ascensão, com crescente impacto na prática clínica. Cada modalidade de imagem passou por um desenvolvimento marcante nos últimos anos, requerendo um entendimento muito especializado nos processos fisiológicos e de doença, como também em física e aspectos técnicos. Tal fato tem se refletido não só no número, como também na complexidade dos artigos publicados (como na maioria das áreas de medicina). Há apenas duas ou três décadas, tópicos em imagem cardiovascular eram abordados adequadamente pelas principais revistas em cardiologia geral. Contudo, isso não foi mais possível, levando à criação de revistas especializadas na área.

Ao gerenciar uma revista científica, várias questões precisam ser consideradas, incluindo seus objetivos gerais, público-alvo, afiliação a uma sociedade acadêmica, e relação com outras revistas. O *European Heart Journal Cardiovascular Imaging*¹ é a revista oficial da *European Association of Cardiovascular Imaging*, braço da *European Society of Cardiology*. Os objetivos da revista são muito influenciados por essas afiliações e suas políticas. Embora seja uma revista europeia, conforme dito em seu título, sua missão é servir a comunidade internacional, incluindo os leitores, o corpo editorial, e os autores. De fato, atualmente, uma grande porcentagem de nossos leitores é de países não europeus, e nós recebemos muitas submissões de outros continentes. O *American College of Cardiology* e a *American Heart Association* também publicam revistas de imagens em conjunto com suas demais revistas. Portanto, é importante que um país tão grande e ativo como o Brasil, com sua comunidade em cardiologia de excelência e participativa, publique uma revista como o ABC Imagem Cardiovascular em nome da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Até há alguns anos, as revistas científicas eram somente impressas. Com o advento da internet, tem havido uma

tendência às publicações *online*. Atualmente, muitas revistas seguem uma abordagem híbrida, com publicações simultâneas, impressas e *online*. Embora ainda haja alguma demanda pelas versões impressas, a maioria dos leitores tem preferido as versões *online*, e algumas revistas têm abandonado as edições impressas. Obviamente, as versões *online* têm a vantagem de serem publicadas mais prontamente, serem mais bem disseminadas, e terem maior acessibilidade. Ainda, em vista da proliferação de publicações na literatura médica, o espaço físico para o armazenamento das revistas tornou-se um problema. Qualquer revista de imagem necessita apresentar imagens de alta qualidade aos leitores. Enquanto imagens estáticas podem ser apresentadas na versão impressa, materiais dinâmicos de vídeos podem ser visualizados somente *online* (o uso de CDs e DVDs como materiais suplementares para esse propósito tem sido largamente abandonado).

O Acesso Aberto (*Open Access*) é uma questão importante confrontada pelas revistas acadêmicas com revisão por pares. Tradicionalmente, o custo das publicações tem sido pago pelos leitores, em forma de uma taxa de assinatura (pessoal ou institucional), licença de site, ou pela compra de artigos individuais. Esse modelo tem dificultado a acessibilidade à pesquisa científica, principalmente nos países mais pobres. Assim, cada vez mais, muitas agências financiadoras e governamentais que financiam e patrocinam a pesquisa científica, requerem a publicação com acesso aberto.² Tal fato tem levado à evolução em direção às revistas de acesso aberto, caracterizadas por modelos de financiamento em que o leitor não paga pelo acesso aos conteúdos das revistas. Em vez disso, uma taxa é paga pelo autor ou outras fontes de financiamento, como fundos públicos, subsídios e bolsas ou auxílios. No modelo híbrido, há uma combinação da abordagem tradicional, em que os artigos são disponíveis apenas para assinantes ou via pagamento, com o acesso *online*, pago pelo autor do artigo. Há, no entanto, iniciativas crescentes para a publicação de pesquisa financiada por instituições públicas em revistas com acesso gratuito. Na Europa, o acesso aberto Plan S foi iniciado por um consórcio de agências nacionais de pesquisa e financiamento de 12 países europeus. A iniciativa defende a publicação em revistas que realmente tenham acesso livre e gratuito a todos. Revistas híbridas não estariam de acordo com o Plan S, salvo se fizessem parte de um acordo transformativo. Contudo, existem também desvantagens claras no modelo de acesso aberto. Para muitos autores, a taxa de publicação pode significar um encargo financeiro alto, principalmente quando se tenta publicar estudos menores com recursos limitados. Do ponto de vista das revistas, mesmo algumas das mais

Palavras-chave

Terapia cardiovascular; publicação médica; classificação de periódicos; acesso aberto.

Correspondência: Gerald Maurer •

Department of Cardiology, Medical University of Vienna. Rua Spitalgasse 23, 1090. Viena, Áustria.

E-mail: gerald.maurer@meduniwien.ac.at

Artigo recebido em 13/03/2023; revisado em 13/03/2023; aceito em 20/03/2023.

Editor responsável pela revisão: Daniela do Carmo Rassi Frota

DOI: <https://doi.org/10.36660/abcimg.20230030>

prestigiadas vivenciaram uma queda drástica e imediata no número de submissões após passarem para um modelo de acesso totalmente aberto.³

Vale ressaltar a classificação das revistas, em que diferentes métricas têm sido usadas. A mais conhecida é o fator de impacto,⁴ calculado como a razão entre o número de citações recebidas em um ano e o número total de itens citáveis publicados naquela revista durante os dois anos precedentes. O fator de impacto é muito criticado por suas deficiências,⁵ que incluem validade estatística falha, impossibilidade de aplicação a pesquisadores individualmente, e diferenças entre disciplinas. Apesar de muitas questões, o fator de impacto ainda é a métrica mais amplamente utilizada pelo público. Algumas métricas alternativas foram propostas, como o Eigenfactor,⁶ que considera que citações em revistas mais bem ranqueadas tenham maior peso que aquelas em revistas com classificação mais baixa, e o Citescore que reflete o número médio anual de citações de artigos recentes publicados em

uma revista. Um tipo bem diferente de medida, o escore Altmetrics,⁷ tem ganhado popularidade como uma medida complementar a métricas mais tradicionais, para avaliar o impacto com base em vários meios de divulgação, como mídias sociais, mídias *online* de notícias, e organizadores de referência *online*. Deve-se reconhecer, ainda, a importância de outras medidas, como o número de *downloads*, conteúdo de engajamento, e número total de citações. Discrepâncias marcantes podem existir: é possível que alguns artigos tenham um número relativamente pequeno de citações, mas um grande número de *downloads*, como geralmente visto para publicações que altamente relevantes para a prática, mas talvez não para a pesquisa de ponta.

Assim, o que realmente determina o sucesso de uma revista? Qual caminho o editor deve tomar? Há diferenças entre as revistas quanto suas missões e seus objetivos, mas no fim, o que realmente contam são integridade, qualidade científica e, mais importante, utilidade aos seus leitores.

Referências

1. Taylor J. A New ESC Journal for All Cardiac Imaging Modalities. *European Heart Journal*. 2012;33:281–289.
2. Brainard J. Open Access Takes Flight. *Science*. 2021;371(6524):16–20. doi: 10.1126/science.371.6524.16.
3. van Noorden R. Open-Access Plan S to Allow Publishing in Any Journal. *Nature*. 2020 Jul 16. doi: 10.1038/d41586-020-02134-6.
4. Hoeffel C. Journal Impact Factors. *Allergy*. 1998;53(12):1225. doi: 10.1111/j.1398-9995.1998.tb03848.x.
5. Callaway E. Beat it, Impact Factor! Publishing Elite Turns Against Controversial Metric. *Nature*. 2016;535(7611):210–1. doi: 10.1038/nature.2016.20224.
6. Bergstrom CT, West JD, Wiseman MA. The Eigenfactor Metrics. *J Neurosci*. 2008;28(45):11433–4. doi: 10.1523/JNEUROSCI.0003-08.2008.
7. Chavda J, Patel A. Measuring Research Impact: Bibliometrics, Social Media, Altmetrics, and the BJGP. *Br J Gen Pract*. 2016;66(642):e59–61. doi: 10.3399/bjgp16X683353.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença de atribuição pelo Creative Commons